

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

ESCOLA DE ENFERMAGEM

**NUPEQS - Núcleo de Pesquisas e Estudos
sobre Quotidiano em Saúde**

Sub Grupo História Oral

Entrevista avulsa

BENVINDA GLÓRIA DOS SANTOS

Belo Horizonte

Minas Gerais

Traços Biográficos

BENVINDA GLÓRIA DOS SANTOS

Nascida em 30 de outubro de 1903 no município de Diamantina, MG. Casou-se, pela primeira vez, aos 13 anos. Filha de fazendeiro, teve uma vida cheia de aventuras.

Fez o curso de voluntária socorrista na Cruz Vermelha, em Belo Horizonte, porque gostava muito de aventura e, por isto, queria ir para a guerra. As aulas deste curso eram dadas por professores médicos e tenentes do exército. Entretanto não pôde servir à guerra devido a problemas de saúde. Passou então a prestar serviços para o exército, montando postos de saúde no percurso da construção da estrada de ferro Minas-Bahia. Posteriormente mudou-se para o Paraná, montou uma farmácia e, por dezesseis anos considera que exerceu a profissão de enfermeira e de médico.

Nunca quis trabalhar em hospital, no entanto, sentia-se respeitada em todo hospital que entrava porque sempre dizia ser enfermeira da Cruz Vermelha.

SUMÁRIO

LADO A

Dados de identificação; sua formação no interior de Minas Gerais; o primeiro casamento; a mudança para Itaúna; a Revolução de 1930 e a perseguição sofrida pela sua família por ser considerada prestista; o confisco dos bens de sua família por Getúlio Vargas; a volta para Belo Horizonte e depois para Raul Soares; a morte do primeiro marido; o segundo casamento; a separação e a volta para Belo Horizonte; o alistamento na Segunda Guerra Mundial como voluntária; o motivo de ter feito o curso de socorrista em enfermagem na Cruz Vermelha, em Belo Horizonte; a reação dos familiares; como conseguiu passar no teste para voluntária; como a enfermagem era vista na época; do dia-a-dia do curso; as aulas teóricas e práticas eram ministradas; os professores entre eles Clóvis Salgado e o tenente Moacir; os uniformes; as solenidades de Sete de Setembro; a diretora da EECC Waleska Paixão; as colegas do curso; onde moravam; as características das primeiras turmas; as desistências; quantas formaram; a formatura; porquê não pôde ir para a guerra; os diversos lugares para onde foi enviada pelo exército durante a construção da estrada de ferro Minas-Bahia para montar postos de atendimento; os tipos de atendimento; a volta para o Rio e segunda tentativa de ir para a guerra; o fim da guerra; o abandonado de suas atividades junto ao exército devido à doença do pai; a ida para Serra do Cabral para extração de cristal; o terceiro casamento; a mudança para o Paraná e a construção da estrada de ferro entre Apucarana e Ponta Grossa (Curitiba?).

LADO B

Suas atividades no Paraná; a interrupção da construção da estrada de ferro pelo novo governo; a farmácia que teve em Cambuí/Paraná; queda do governo; como exercia enfermagem na farmácia; a visão da sociedade sobre a enfermagem de ontem e de hoje; como era respeitada ao dizer que era enfermeira da Cruz Vermelha; porque não fez o curso na EECC; o conceito das enfermeiras formadas na EECC.

Depoimento Glória

Depoimento da senhora Glória

Depoimento de 30 de 01/2010/00119

Depoimento de 30 de 01/2010/00119

Depoimento de 30 de 01/2010/00119

Depoimento de 30 de 01/2010/00119

Depoimento de 30 de 01/2010/00119

Depoimento de 30 de 01/2010/00119

Depoimento de 30 de 01/2010/00119

LADO A

Geralda.: Benvinda, o nome da senhora completo...

Benvinda.: Benvinda Glória dos Santos. Nessa ocasião, né, era quando eu era casada, mas estava separada do marido então foi quando eu entrei para, eu não tinha desquitado ainda nem divorciado, eu usava ainda o nome do marido que era Joaquim José dos Santos, né. Depois é que eu divorciei e passei para o nome de solteira Benvinda Glória.

G.: Senhora nasceu quando?

B.: No dia 30 de outubro de 1903.

G.: Onde que a senhora nasceu?

B.: No município de Diamantina, distrito de Senhora da Glória.

G.: Senhora teve filhos?

B.: Não, nunca tive não. Casei com treze anos. Primeiro casamento, foi com treze anos. Nunca tive filhos porque fiquei doente muitos anos e não pude ter filhos. O médico dizia que eu não podia ter filhos porque o útero ficou juvenil, não comportava o feto. Então foi preciso fazer ligação para não engravidar.

G.: Antes da senhora fazer enfermagem, esse curso de enfermagem, como é que foi a formação da senhora? Anterior.

B.: A minha formação, que estudei até, neste tempo, eu tinha estudado até o 4º ano primário. Nós morávamos na roça. Papai era fazendeiro. Fabricante de aguardente, o maior fabricante de aguardente que tinha em Minas naquela ocasião. E nós morávamos na roça. Lá, então, era muito distante de, de qualquer condução, de qualquer lugar para cidade, qualquer coisa. A cidade, o patrimônio mais perto de onde nós morávamos eram 10 léguas, 60 km... lá, a casa de papai era lá. Lá então, eu me casei. Nessa ocasião eu me casei, era muito criança. Casei com José Gonçalves Chaves, de Itaúna. E mudei para Itaúna a seguir. Casei em julho e mudei em novembro para Itaúna. Aí em Itaúna eu fiquei, com ele, nós tínhamos fazenda também em Itaúna, que ele tinha fazenda em Itaúna. Nós compramos fazenda aí. E eu morei aí nesse Itaúna muitos anos, até 1930, que quando foi a ocasião daquela revolução de 30. Naquela revolução de 30, nós já morávamos lá em, era mesmo, como é que fala, em

Augusto de Lima que era nossa terra mesmo, que era onde papai tinha fazenda. Nós voltamos para lá, meu marido comprou fazendas lá, e nós voltamos pra lá outra vez, em 1930. Lá nós tínhamos uma vida muito boa, uma vida de rica, afinal eu tinha vida de rica, de cada carro, eu tinha um, um carro que saísse, eu tinha. Fazia muita loucura, que eu gostava muito de andar, de caçar, de correr, de montar cavalo bravo, tudo que era loucura que eu queria fazer ele deixava. Porque eu, ele queria compensar o meu tempo que foi perdido, que eu casei muito criança, não tive mocidade. Então, ele deixava que eu fizesse aquilo tudo, né. Nessa ocasião veio a revolução. Na revolução ele foi perseguido porque ele era do partido, ele era do partido do Júlio Prestes, né. Ele não era do partido, mas eles puseram que ele era do partido porque ele era o único fornecedor de madeira da central daquele tempo, ele com os Dolabela, os Dolabela Portela, né. Então era ele que fornecia a, a madeira nesse tempo e por causa dele ser fornecedor da madeira, então julgaram que ele era prestista e quem ganhou foi a Aliança Liberal. Porque a Aliança Liberal ganhou então veio a perseguição pra papai, pra ele, pra meu tio que eram os chefes políticos de lá de onde nós morávamos. Com ordem de matar até, sabe? Eles tinham que esconder. Tiveram que esconder. Sofreram muito. E nesta ocasião, confiscaram tudo que eu tinha. Getúlio, ordem de Getúlio Vargas, né. Confiscaram fazendas e confiscaram a madeira toda, confiscaram armazéns, confiscaram tudo, dizendo que depois pagariam, mas nunca nos deram um tostão. Nesta ocasião nós perdemos tudo o que tínhamos, né. Perdemos tudo o que tínhamos, viemos aqui para Belo Horizonte, voltamos para aqui para Belo Horizonte. Eu fui trabalhar aqui em Belo Horizonte. E logo ele pegou um serviço fora daqui, pegou um serviço em, em Raul Soares, foi tirar madeira em Raul Soares. Lá de Raul Soares eu fiquei muito doente e tivemos que sair de Raul Soares, fomos pra, pra, perto daqui, uma cidade que tem aqui perto, que nós tínhamos uma fábrica de manteiga. Lá nessa fábrica de manteiga ele morreu. Deu febre tifo e morreu, nessa ocasião. Aí eu fiquei só, fiquei livre, né, mas voltei para onde estava o papai. Lá com papai eu me casei outra vez, né, me casei outra vez, mas não deu certo o casamento, porque o homem, num, num deu certo o nosso temperamento. Separamos logo também. Foi nessa ocasião, eu voltei para Belo Horizonte e já, na ocasião da guerra né, aí eu me alistei que eu queria ir para a guerra, eu queria ir embora, queria da... eu era muito, eu

gostava muito de aventura, era aventureira demais, eu queria ir, então me alistei, foi nessa ocasião, que eu mudei aqui para Belo Horizonte, para me alistar.

G.: Qual que foi o motivo que fez, que a senhora fez enfermagem?

B.: Exatamente este, que eu era aventureira, eu queria ir para a guerra. Eu queria ir mesmo. Tinha loucura por guerra, queria, tinha loucura por armas, eu tenho loucura por militarismo. Eu tenho loucura pela farda.

G.: Além da vontade de ir para guerra, dentro dessa vontade que a senhora tem, teve alguma outra, outra pessoa ou uma outra situação que influenciou a senhora a fazer enfermagem?

B.: Não, só, só mesmo aquela vontade que eu tinha de ir pra guerra, de ir pra guerra, que eu queria ir pra guerra, tinha aquela loucura mesmo de combater a favor dos brasileiros.

Ana.: E como é que a senhora ficou sabendo do curso?

B.: Porque já tinha o curso, estava eu, já estava anunciando nos jornais, nos rádios, anunciando o voluntarismo, né. Porque não foi ninguém assim obrigado não. Foi tudo voluntário, tanto que o nome diz: Voluntária Socorrista, né. Então eles chamavam e pediam as pessoas que quisessem ir. Quando eu vi aquilo, aí eu vim logo também e me ingressei no Voluntário Socorrista.

G.: Como que a família, os amigos, eles reagiram, né, das pessoas...

B.: Pra eu ir pra guerra tudo contra. Contra, muito contra mesmo, rezaram muito, faziam promessas demais que, que era... tinha um tio padre até que era um verdadeiro santo. Esse tio, não sei, celebrava missa todo dia pra eu não ir para guerra, né, pra eu não ir. Ele não importava que eu fizesse o curso de enfermagem, mas não queria que eu fosse pra guerra. Então ocasionou que eu quando fui pra embarcar eu fiquei doente e não pude embarcar no primeiro escalão, que já contei pra vocês, né?

G.: Já.

B.: Aí quando fizemos o curso eu vim pra aqui e fiquei aqui morando com a minha irmã que morava aqui, em Belo Horizonte. Ela era casada com Hugo Lafaiete de Proença, que era o marido dela, dessa família Proença que vocês devem conhecer de nome que é uma família tradicional, até. Ela morava aqui e eu fiquei morando com ela. Nessa ocasião foi que eu fiz o curso aqui.

G.: Havia alguma seleção para fazer o curso? Teve alguma seleção?

B.: Uma seleção tinha, não, de cor, de, de...

G.: ...algum tipo de seleção? Algum teste?

B.: Não.

G.: Para poder ingressar no curso?

B.: É, é. [gagueira] Isso foi muito engraçado por isso, porque só aceitavam diplomadas, curso superior. Só aceitavam curso superior, não aceitava ninguém que não tivesse curso superior. E eu não sei porque não tinha curso superior, mas toda vida eu fui, agora estou baqueada, né, mas toda vida eu estudei muito, lia muito, que eu lia, lia demais mesmo, né. Então eu fiz um teste e passei, uma das primeiras que passou no teste. Foi eu que passei no teste, aí eu fiz o curso, eles aceitaram que eu fizesse o curso, né. Eu fiz o curso. Terminou o curso eu ficando pra ir pra guerra né. Fazendo o curso de enfermagem. Das seis que passaram naquela época, eu fiquei, das seis que iam de Belo Horizonte. Foi muita gente né. Mas de outros Estados que foram. De Belo Horizonte nesta ocasião nós éramos seis que íamos.

G.: Dona Benvinda, pelo que eu entendi, a senhora queria ser enfermeira para guerra... queria ser enfermeira para ir para guerra

B.: ...queria ser enfermeira... para ir para a guerra.

G.: Agora, como que era a enfermagem na época, como ela era vista na sociedade. A enfermeira como ela era vista na sociedade, na época?

B.: A enfermeira na época era muito mal vista, até falava que era enfermeira, o povo achava que porque era enfermeira, que ia lidar só com médico no hospital. O povo não recebia muito bem não, né. Só de falar que era enfermeira não recebia. Mas nesse de guerra era diferente porque ia ajudar a Pátria, né. Ajudar os conterrâneos da gente, que estavam pra lá e, mas mesmo assim ninguém queria não. Mas eu fui mesmo porque eu gostava de aventura.

G.: A senhora já disse aí antes algumas coisas, como que era o curso. Como que era o dia-a-dia do curso?

B.: O curso, né, nós tinha... quando estávamos fazendo o curso mesmo de, de como é que fala? Eu vou falar aí uma palavra, mas me foge né, de, de, de é aprendizagem assim...

G.: ...eu vou fazer uma pausa.

[INTERRUPÇÃO DA GRAVAÇÃO]

G.: A senhora disse....

B.: Era um curso apertado porque o prazo era muito curto e nós tínhamos que aprender aquilo tudo pra terminar o curso de enfermagem, pra prestar exame, né. Mas se, tinha de cirurgia, nós tínhamos que aprender tudo de cirurgia, nós tínhamos de saber tudo sobre cortes e doenças, mesmo outras doenças, nós tínhamos que saber.

A.: Era o dia inteiro?

B.: O dia quase todo. Quando estávamos, era o dia inteiro, o dia todo. Nós, mal nós tínhamos tempo de comer. Quando vínhamos, íamos para os hospitais, né. Médicos iam operar, iam fazer qualquer exame em qualquer doente, nós tínhamos que ir a turma toda, né?

A.: E as aulas eram ministradas onde?

B.: Nesse, olha era nos, qualquer hospital. Não tinha lugar certo não, sabe? Mas o curso mai... melhor, mais diário mesmo, onde nós reuníamos todos os dias. Aqui não teve um hospital chamado ginecológico? Hospital de ginecologia? Ali onde é o Parque Royal? Perto daqueles hospitais ali? Era lá. Era ginecológico mesmo.

A.: Perto do Parque Municipal?

B.: É, é. Ali tinha um hospital de câncer, tinha um hospital... Vocês não ouviram falar do Dr. Clóvis Salgado?

A.: Ham, ham.

B.: Dr. Clóvis Salgado era nosso professor. Dr. Alberto, o sobrenome dele eu esqueci, era professor.

G.: Quer dizer que os professores eram médicos ou tinha outros também?

B.: Não, eram médicos.

G.: Ou enfermeiros também.

B.: [gagueira] Enfermeiros só as, só as irmãs. Só as irmãs é que davam aulas de enfermagem. E mais, [gagueira] e com médicos. Os médicos é que davam aula. Tinha o, o professor, o Major Haroldo que era do exército. Esse é vi... tudo médico também,

né. Era Haroldo, ele era major. Todos eles é que davam... tinha o Moacir também que era tenente, todos que davam aula.

A.: As teóricas...

B.: As teóricas né, que eles davam. O Moacir dava de ginástica. O Moacir era primeiro tenente e dava aula de ginástica. Que a ginástica, nós tínhamos que aprender toda a ginástica. Nós tínhamos tudo que era espécie de ginástica, nós tínhamos que aprender. Nós tínhamos que subir numa escada, que é muito diferente daquele tempo, pra hoje. Uma escada de, de bombeiro você tem tantos minutos pra você subir aqui e descer de lá, né. Tudo isso nós tínhamos que fazer. Isto tudo era contado pra exame, era tudo contado o tempo, naquilo. Natação, tudo, tudo, tudo, nós tivemos que aprender, porque diz eles que era pra fugir, pra acudir um doente no caso de ser preciso pegar um doente correndo em qualquer lugar, a enfermeira tinha que saber tudo aquilo, toda espécie de ginástica. O Moacir é que dava essas, essas ginásticas, esse tenente Moacir. Agora as aulas era Dr. Clóvis. O Dr. Alberto e o, e esse tenente que eu estou dizendo pra você que é médico também, o Dr. Haroldo, capitão Haroldo, né. Eles é que davam as aulas.

G.: Tanto as teóricas quanto as práticas?

B.: As práticas, as práticas com eles.

G.: Com eles.

B.: Eles davam teóricas e práticas. Tinha também um, um outro de, eu não sei o nome também, não posso falar pra você, de Microbiologia. Tinha outros professores, tinha professor pra tudo, pra tudo. De Microbiologia ele era até muito surdo. Ele não ouvia, ele tinha aparelho nos dois ouvidos e mesmo assim ele num, ele nos mandava, ele explicava direito, né, e pedia pra que nós, quando quiséssemos saber qualquer coisa que não compreendia... [tinha que] escrever. Nós escrevíamos no papelzinho e mostrava pra ele, pra ele responder. Porque ele respondia bem. Só não escutava direito. Era de Microbiologia. Também eram eles que davam.

A.: As aulas de anatomia eram dadas onde?

B.: No, aí, aí mesmo onde era, onde era, antigamente, eu esqueço tudo, o nome, né.

A.: Não preocupa com isso não.

B.: Onde é que é, onde é que é até hoje, deve ser na escola de medicina. Não, lá anfiteatro, não sei o que que é?

A.: Isso.

B.: Pois é. Era ali que eram dadas as aulas. Lá que eram dadas, lá que nós íamos, mostrar defunto em cima da mesa pra o médicos abrir pra explicar pra nós; também pegar, explicar, dar explicação o que era, o que que não era. Era lá.

G.: Havia uniforme?

B.: Uniforme. Uniforme, acho que nesta carteira não está com uniforme não? Não, né. Era igual as do militar. Era cáqui, com saia, sabe. Não era calça não, era saia, com prega na frente. Prega na frente e atrás. Só uma prega na frente e atrás e o uniforme com, de manga comprida, igualzinha a blusa militar, né. Este era o uniforme. Agora tinha o uniforme de gala, era um uniforme azul. E tinha o uniforme especial, era branco. Mas tudo com galão, todos eles graduados. Tudo, tudo.

G.: Quando, quando que vestia o uniforme de gala?

B.: Só nas épocas assim de parada, na época de uma recep... de fazer por exemplo, uma, uma exposição de qualquer coisa, então nós íamos no teatro né, aí vestia. Quando vinha qualquer pessoa de fora, aí vestíamos. Qualquer coisa que tivesse no exército, aí nós vestíamos. Nas paradas todas nós tínhamos que ir. No Sete de Setembro. Nós tínhamos que com... comparecer, né. Nós tínhamos que, por exemplo, comparecer na parada de Sete de Setembro. Eu pelo menos era motorista, né. Nesse tempo eu dirigi, eu dirigia uma ambulância né, nas "paradas" eu dirigia ambulância e as outras, e, mas tinha tudo em fila, tanto que até hoje não pode ...Sete de Setembro, eu não posso assistir... [Emociona-se]

A.: A senhora fica emocionada.

G.: E esse uniforme especial.

B.: Também só em dias assim [Emociona-se].

A.: É, quem que era diretora da escola na época?

B.: Eu não falei? Vanessa ou Waleska . Um nome assim, sabe. Eu tinha esquecido mas ela falou seu nome e eu falei, lembrei - era ela que era diretora.

A.: Waleska Paixão.

B.: É. Eu lembrei logo dela, do nome dela.

G.: Já que falou da Waleska Paixão, ela dirigia a Escola de Enfermagem na época.

B.: É, de enfermagem, é.

G.: A Carlos Chagas.

B.: A Carlos Chagas.

G.: Como que era a relação das alunas da Carlos Chagas com as alunas da Cruz Vermelha?

B.: Não tinha nenhuma. Nós não frequentávamos nenhum, não tinha nenhuma, de cá ir a um outro grupo de alunos.

G.: Hum. Nos estágios não se encontravam nem nada.

B.: Não. Nos estágios não nos encontrávamos. Era outro grupo de alunas.

G.: Era outro grupo de alunas.

B.: Era outro grupo de alunas.

G.: Só a diretora que era a mesma.

B.: Era a Waleska e as, as Irmãs de lá que vinham para dar, dar as aulas.

G.: E o relacionamento das alunas com as alunas né. Como é que era?

B.: Muito...

G.: O que vocês faziam na hora dos estudos... Tinha alguma diversão?

B.: Não, não tinha. Diversão tinha, que a gente conversava muito, né. Cada uma tinha, tinha até duas ou três que eram mais amigas, mais chegadas, umas com as outras, mas era muito cordial. Muito mesmo. Nós éramos muito unidas mesmo. Não tinha esse negócio de separação de cor, que tinha umas pretinhas também, mas era tudo igual. Eles falavam muito também sobre isto: que na enfermagem não podia ter separação, todas éramos iguais, todas nós íamos fazer o mesmo serviço, então, não tinha separação nenhuma, todas iguais.

G.: Nesta época havia algum internato? A senhora falou que morou na casa de uma irmã.

B.: De uma irmã.

G.: Mas algumas alunas, colegas da senhora viviam interna... em internato?

B.: Internatos. Tinha muitas que vinham de fora, viviam em internatos, tinha outras que vivi... moravam em pensões, não é? Eu mesma depois que minha irmã mudou pro Rio, eu passei pra pensão. Fiquei, morei muito tempo na pensão.

A.: Esses internatos eram vinculados à escola?

B.: Não. Era... Elas vinham como se alugasse um hotel, uma coisa qualquer. Preferiam o internato, ficavam nos internatos.

G.: A escola mesmo não tinha o próprio internato?

B.: Não. A escola não tinha nada. A escola não fornecia nada.

G.: Refeição...

B.: Não, nada, nada, nada. Todo mundo era... Só tinha as horas certas de nós tínhamos que comparecermos e eles não aceitavam um minuto de atraso. Um minuto de atraso eles não aceitavam. Já reclamavam dos professores, reclamavam logo, né?

G.: Regime de guerra.

B.: Regime de guerra mesmo, né?

G.: A senhora disse que a escola participava de algumas atividades, inclusive a parada...

B.: A parada, tudo, toda, toda...

G.: ...tinha, havia outras atividades que a escola participava socialmente.

B.: Só mesmo [gagueira] negócio de, de guerra, né. Agora outras não, outros negócios [gagueira] pode, nós só vestida assim com uniforme de, da Cruz Vermelha, não, porque nós tínhamos toda a uniforme de Cruz Vermelha também. Tinha, tem o distintivo que eu tenho até hoje tem o distintivo da Cruz Vermelha, tinha o uniforme branco, da Cruz Vermelha, vestido branco, todo, saia toda pregueada, né. Vestido branco de uma seda grossa, era o uniforme de todas nós, né. Aquele era da Cruz Vermelha, que ele era diferente do outro uniforme. Esse é quando, qualquer coisa de representação que tinha que fazer da Cruz Vermelha nós íamos com aquele uniforme branco.

G.: A senhora disse que a entrada de alunas, foram mais ou menos 200 alunas.

B.: É, nós entramos nessa...nessa minha turma. Já tinha formado uma outra turma primeiro, também. Essa outra turma primeiro, que formou, eu não estava aqui, mas eu soube que quem for... essa primeira turma foi só de gente da alta sociedade, né. Eram professores, era filho de, de médico, esse povo todo, é que foi a primeira turma. Isso é que eu soube. Essa turma que foi a minha, não, foi tudo misturado, né. Nós éramos todas, tinha professora, tinha muita, muita moça, enfermeiras mesmo tinha duas.

Como Carlota era enfermeira. A, a essa outra menina, eu estou falando que até era muito, muito elegante, até muito chique, era do Rio de Janeiro, esqueci o nome dela, era enfermeira também.

A.: Eram enfermeiras formadas... ..aqui em Belo Horizonte ou em outro Estado

B.: ...formadas... Não, no Rio de Janeiro.

A.: Todas duas?

B.: Todas duas do Rio de Janeiro. Formadas aí, vieram fazer o curso aqui.

A.: Então, o curso era como se fosse uma especialização?

B.: Uma especialização. Porque se não fizesse o curso de guerra não, não tinha que ter, pra fazer o curso de guerra tinha que fazer o curso de enfermagem. Então, nós tivemos... Não tinha todo mundo que tivesse o curso de enfermagem, tivemos que fazer esse curso de enfermagem pra depois em seguida nós fazer o de guerra.

G.: A senhora disse que na verdade formaram mais ou menos umas 40.

B.: Umas 40 porque nós recebemos diploma de, de enfermagem, de Cruz Vermelha 40, 42 mais ou menos.

G.: Essa, a senhora disse que alguns desistiram ou...

B.: ...desistiram quando foram pra guerra, as outras porque, porque, não sei porque desistiram, não deram conta do curso, desistiram. E agora, depois nós fomos fazer, nós começamos o de guerra, agora, quando terminamos o de guerra, que terminou, nós éramos seis.

G.: Vamos falar um pouquinho dessa formatura?

B.: Vamos.

G.: Como é que foi a formatura?

B.: A formatura foi muito bonita num, sabe? Foi muito bonita, veio muita gente, tinha muita... a formatura da Cruz Vermelha, né. Foi muito elegante, muita gente, muito discurso. Foi muito bonita a formatura, todas nós uniformizadas, com uniforme de gala! Toda turma com o uniforme de gala. Eu tinha muito retrato, não sabe? Mas com esse negócio que eu comecei a mubi... a mudar muito né, eu morava aqui, daqui eu mudei pra Montes Claros, depois consegui um negócio uma coisa ou outra, depois mudei pró Paraná, não levei nada, larguei pra casa da mãe, mamãe morreu o povo tomou conta da casa. Aquela confusão toda, perdeu os retratos. Mas algumas de

minhas irmãs ainda tem algum retratinho. Essa semana mesmo eu vi alguns lá na casa do Maurício, uns retratinhos desses ainda, né. Mas foi muito bonita a formatura. Nós todos, como é toda formatura. Cada um tem seu padrinho, sua madrinha, não é?

A.: E saiu em jornal da época?

B.: É. Eu ganhei de presente sabe, um relógio de ouro cima o nome, muito bonito, com a pulseira toda de ouro, o relógio todo de ouro. Foi meu primo que me deu, que ele me gostava muito. Ele que me deu de lembrança porque eu ia pra guerra. Ganhei um crucifixo que eu tenho até hoje, uma cruz muito bonita que foi de uma outra senhora que mandou, tudo no dia da formatura, né. Que ela mandou pra mim, que era pra me acompanhar na guerra onde eu fosse, me acompanhar, né. Essa eu tenho ainda comigo. O relógio não, o relógio perdeu, ladrão pegou, né? Tomou. Mas tudo isso nós ganhavam, cada um ganhava su... tinha seus padrinhos, suas madrinhas, né. No dia da formatura foi muito bonita.

G.: Dona Benvinda, a senhora formou para ir para guerra, acabou que a senhora nos disse que, que não... não pôde ir...

B.: ...não pude ir porque nós...porque no dia de embarcar eu fiquei doente, né. Tive uma hemorragia muito forte, não pude embarcar. Fiquei para ir no segundo escalão aí eles me mandaram, eu estava aqui em Belo Horizonte, aí eu fui para o Rio. Eles me requisitaram para o Rio. Do Rio, eu fiquei doente, eu continuei doente, com dor de cabeça e com hemorragia, então eles, quando eu melhorei, eu fiquei boa, eles me mandaram para Montes Claros, para eu fiscalizar o, a, a, o hospital dos doentes da comissão de construção que estava fazendo a estrada de ferro ligando Minas com Bahia para passagem da tropas. De lá então eu fui para frente de Montes Claros bem, uns três a quatro meses, eu fui para frente, montar postos de, de hospitais, postos de saúde, né. Antes dos empregados chegarem, chegar a turma, tinha que está o posto de saúde já formado porque, porque se adoecesse algum, machucasse, porque ali machucava gente todo dia, né. Arreventado de bomba, machucado de pedra, tinha muita coisa, então tinha que ter os hospitais. Aí depois quando, já estava, eu cheguei em, em Janaúba, eu estava lá em Janaúba, não, Monte Azul, foi a última, o último posto que eu fiz foi Monte azul. Eu cheguei de Monte Azul eles me chamaram outra vez para o Rio de Janeiro que era para seguir o 2º escalão, já ia o 2º escalão e eu tinha

que ir no 2º escalão. Aí eu fui para o Rio de Janeiro, já voltei para o Rio. Lá no Rio eu fiquei de prontidão esperando até que seguisse o 2º escalão, e o 2º espera essa que esta época estava naquela época balança, né. Foi quando eles venceram o Morro do Castelo, que aquilo ali foi aquela trava de tudo, né. Então venceram os brasileiros, fizeram um bonito muito grande, né, [emoção] e terminou a guerra naquela ocasião e eu não fui. Aí eu não fui, fiquei, fiquei em, no Rio, né. Lá quando eu estava no Rio mas eu... papai adoeceu. Papai tinha fazenda, ficou doente, ficou passando mal, muito sozinho. A minha irmã que morava lá, que é a mãe do Maurício você conhece, né? Aí a irmã Dulce escrevia para mim, que papai estava passando mal, sozinho, na fazenda e que eu toda vida gostei muito de lhe dar com fazenda, com boi, com vaca, com cachaça, com tudo isso e ele fazia muita cachaça; então ela começou a me chamar e eu estava sozinha, né. Começou a me chamar, que eu fosse, que eu viesse para ficar com papai. Eu pedi para eles me dispensarem, eles não quiseram me dispensar. Pedi uma vez, não dispensaram, pedi duas vezes, aí eu abandonei.

G.: Benvinda a senhora era, trabalhava para quem nessa época.

B.: Para quem?

G.: É, para qual instituição?

B.: Para quem?

G.: Para quem a senhora trabalhava?

B.: Para o Exército, né.

G.: Era para o Exército.

B.: É, o ministro da Guerra era Dutra, o General Dutra.

G.: Depois dessa época a senhora largou então pra...

B.: Larguei.

G.: Pra cuidar do pai da senhora. A senhora exerceu a profissão, como enfermeira?

B.: É, não.

G.: Mas em algum outro...

B.: ...larguei a profissão, fui para casa, fui ficar com o papai. De lá papai implicou para vender a fazenda. Não queria ficar com a fazenda porque estava velho e doente, que me subcarregava muito, que eu ficava, porque eu toda vida feito um homem mesmo, sabe, eu não ligava para nada. Era correndo à cavalo, não tinha hora nem da

noite nem do dia para eu andar sozinha. Aí papai vendeu a fazenda. Ele vendeu a fazenda, eu fui tirar cristal, na Serra do Cabral. Eu fui tirar cristal. Subi para Serra com 50 homens. Fui tirar cristal por minha conta, né. Mas com a queda da, da guerra, tinha acabado a guerra, né. O cristal também caiu, caiu de preço, caiu de tudo. Aí nessa ocasião um dos meus companheiros que era engenheiro, que trabalhava na comissão de construção, Dr. Joaquim, ele trabalhava na comissão de construção, ele fez aqui no Paraná. Ele entrou numa concorrência, e tirou na, ganhou na concorrência a estrada de ferro de Apucarana a Curitiba, então ele me convidou para eu vir para tomar conta do serviço dele aí, né, na comissão, na, no serviço dele, que ele tinha ganhado. Nessa ocasião que eu vim, né. Aí eu sabendo que o cristal tinha caído muito de preço, estava muito difícil, aí eu larguei, né. Papai estava em casa já, não tinha mais fazenda, não tinha mais nada. Estava com a família toda em casa e eu vim para o Paraná. Nessa ocasião que eu casei, outra vez, né. Aí eu casei outra vez. Casei com um rapaz que era irmão do rapaz que tomava conta do meu serviço, o Homero. O Homero Sincero dos Reis. Eu me casei com ele nessa ocasião. Mas também como a minha família não aprovava muito, né. Ficava a minha família toda não queria, não aprovava, aí porque o rapaz era pobre, era muito humilde. Mas foi afinal, foi o único homem que eu gostei na vida foi dele, né, foi o único homem que eu gostei na vida. O outro era muito rico, me deu muito conforto, me deu tudo que eu desejava mas, eu tinha amizade por ele, mas amor verdadeiro de homem eu conheci esse, né. Então quando esse meu colega, esse rapaz que era, tinha sido meu colega lá na, ele como engenheiro, ele como engenheiro, na estrada me convidou para vim tomar conta do serviço dele aí, de Apucarana a, Ponta, Ponta Grossa.

A.: Aí lá, vocês fica...

[FINAL DA FITA LADO A]

LADO B

B.: Aí então eu peguei, vim mas vim para tomar conta, para olhar o serviço para ele, né. Olhar o serviço. Porque eu entendia de tudo, eu tanto entendia de, de, só não sabia desenhar né. Mas entendia de estrada de ferro, serviço de terra, serviço de tudo. E

naquele tempo o serviço era feito, não era com maquinário como hoje. Porque hoje é feito por máquina naquele tempo era feito tudo a braço, era tudo, tudo a braço, carrocinha, dinamite. Jogava dinamite fazia, furando a pedreira, botava dinamite. Eu conhecia de todo o serviço. Então eu vim para ele com meu marido e ele, papai, ele num, minha família ficou satisfeito, de modo que eu casei em fevereiro, no dia 04 de fevereiro e no dia 10 de agosto eu vim pra aqui, pra, pró Paraná. Dez de agosto eu vim pró Paraná. Cheguei no Paraná, aqui cheguei no Paraná, então, ficamos esperando e eles esperando a verba, o governo. Mas foi queda de governo naquela ocasião, que foi uma, foi igual está agora todo mundo quebrando, todo mundo falindo, não tinha dinheiro, não teve dinheiro para tocar a estrada de ferro, né. Ele perdeu a ,a ... o outro governo que entrou já não quis concordar mais com a estrada de ferro que ia fazer, não quis fazer, perdeu. Aí nós fomos mexer com madeira, tirar madeira, né, aí no Paraná. Nessa ocasião que estava tirando madeira que eu montei farmácia. Montei farmácia em Marialva, Cambuí, município de Marialva. Eu montei farmácia, né. Tive 16 anos de farmácia lá.

G.: Ah! Cambuí.

B.: Cambuí. Aí eu tive 16 anos , eu tive farmácia lá em Cambuí. De Cambuí então, ele fez uns endossos muito grande, estava muito bem em Cambuí, muito bem. Ele fornecia postes para o Estado, tirava madeira toda para o Estado. Mas quando terminou, ele fez uns endossos muito grande para compradores café, compradores de cereais e queda de governo outra vez e essas pessoas quebraram, né. Quebraram e nos arrastaram. Não que nós tivéssemos perdido, mas ele tinha feito muito endosso e nós tivemos que pagar tudo. Aí vendi, eu tinha um sítio muito bom, que afinal é o sítio que eu tenho até hoje, né. Eu tinha, o sítio estava muito bom, aí eu falei com ele: “Vamos vender o sítio para nós irmos embora daqui, que eu não quero ficar aqui mais, quero ir embora.” Então fomos para lá para o sítio, vendemos a farmácia. Eu vendi a farmácia, dando um, dando um contrato, que eu não podia abrir farmácia em volta ali, nenhuma daquelas cidades ali perto, eu não podia, porque o povo lá tinha mais confiança em mim que nos médicos, né?

A.: A senhora exercia a profissão de enfermeira?

B.: De, de...

A.: ...dentro da farmácia? Como que era?

B.: De enfermeira na farmácia. Não tinha médico, naquele tempo era muito difícil porque quando nós entramos lá estava construindo a cidade, começando a cidade, de modo que eu exerci a profissão de enfermeira e de médico a mesma coisa, né. E esses médicos todos que tinham lá que eram, o professor Montenegro que vocês conhecem de nome, né. Que é uma sumidade no Brasil, era muito meu amigo, muito meus amigos que eles eram, tinham fazendas enormes lá, iam todo mês lá nas fazendas. Os próprios doentes deles das fazendas deles, eles não tratavam, eles levavam, eles mesmos punham no carro levavam para minha casa e falavam: “Você que trata, você que sabe tratar desse povo seu aqui, você que cuida”. Porque eu tratava aqui com amor e carinho. E quando eu aprendi aqui, eu aprendi mesmo de verdade. Ali eu fazia tudo: baleado de tiro, quebrado de qualquer coisa, eu fazia todo o tratamento e nunca teve uma pessoa que reclamava. Eu tenho muita amizade, sou muito querida lá, mas muito querida mesmo que eu sou, sabe, naquela região toda. Aí, pra nós, fomos pra, vendemos a farmácia, eu fui para, pra organizar o sítio, para ir embora do sítio, para mim vim embora para cá, porque eu queria voltar, né. Mas meu marido empenhou e não quis sair mais de lá.

G.: Em que época a senhora sentiu que a senhora exerceu mais a enfermagem?

B.: Foi exatamente nessa época que eu tive farmácia.

G.: Depois que vendeu a farmácia a senhora chegou a exercer mais em outra situação?

B.: Não, não. Depois que eu vendi a farmácia eu não exerci mais. Aí eu fui para, assim, né, remedinho em casa né. Curativos em casa, porque nós tocávamos café, tinha umas cinquenta pessoas que moravam na, em nossa propriedade. Ali também ninguém ia em médico, todos era eu mesmo fazia o tratamento, em todos eles. Até que ele, agora o café acabou, não tem mais café, tivemos que acabar com colônia, colônia aquelas casas de barro eu já arranquei as casas quase todas do sítio, só tem quatro casas agora.

G.: A senhora trabalhou em algum hospital, em alguma época?

B.: Não, lá no Paraná eles me convidaram, me davam hospital para eu tomar conta e exercer a profissão, mas eu não quis não. Eu preferi viver, ficar sozinha que viver trabalhando dentro de hospital, né.

G.: Nós percebemos, nós percebemos que a senhora sentiu muita honra de ser enfermeira...

B.: ...muita, muita mesmo...

G.: ...vontade de colaborar com a entrevista...

B.: ...muita, muita honra de ser enfermeira. Eu tive...

G.: ...como que senhora vê hoje a enfermagem, a enfermeira de hoje?

B.: Eu acho que ela... é uma heroína, sabe? E acho muito bonito, muito bonita a profissão de enfermagem. Tinha, não todas as enfermeiras, porque tem muitas que são más. A gente vê. Agora pelo menos, às vezes, a gente que frequenta assim alguns hospitais, que elas não tem assim aquela dedicação. Mas no meu tempo, ah! nós éramos obrigadas, porque nós fomos obrigadas a prestar um juramento. No juramento que nós prestamos, nós tivemos que jurar que nós daríamos a vida pelo doente, né. Tivesse qualquer caso de morrer a enfermeira ou o doente, nós tínhamos que morrer para dar a vida para o doente. E essa coisa, eu fiquei com isso na cabeça a vida toda, e nunca saiu da minha cabeça isso, né. Que tem que morrer para salvar um doente, que a gente tem que morrer. E eu, de modo que eu admiro muito a enfermeira, essas enfermeiras que são boas como eu vejo, são muito... tem muitas sofridas. Porque hoje são muito sofridas, porque o governo não coopera com elas, elas sofrem muito nesses hospitais que a gente vê. Sofrem muito em todos os lugares que elas andam. São muito sofridas elas. Então eu tenho muita pena delas.

G.: A senhora acha que elas sofrem mais em que sentido?

B.: [gagueira] No sentido assim, de, de... porque você calcula, você é enfermeira, você vê o doente morrendo, você não tem remédio para ajudar, você não tem, você sabe que ele precisava daquilo, você não tem no hospital. Porque não tem, o hospital não tem porque o governo não dá. Você não sofre? Você sofre demais, né. Você sofre muito. Moralmente você sofre horivelmente, a gente sofre, né?

A.: A senhora acha que melhorou a visão da população, a visão social da enfermeira... de hoje... melhorou...

B.: ...melhorou...

A.: ...e como era antigamente?

B.: Ah! Melhorou muito, melhorou mais de duzentos por cento.

A.: Como que a senhora sentiu na época, de a senhora, quando a senhora se apresentava a senhora falava “eu sou enfermeira”?

B.: Falava que eu era enfermeira.

A.: E como que era a reação das pessoas?

B.: No meu tempo, comigo pelo menos todo mundo me admirava, todos me admiravam muito. Não posso reclamar porque, não tinha ninguém que faltasse com respeito comigo, me obedeciam muito. Olha para contar para vocês, eu tinha um cunhado, ele ficou doente, foi para o hospital em, em Maringá, o melhor hospital de Maringá. Maringá é uma cidade enorme, né, imensa. E ele ficou no hospital de lá, Hospital Santa Rita que é o melhor hospital de Maringá. Esse meu cunhado foi para lá. Vocês sabem melhor do que eu o quê que é uma UTI, né. Ali só entra exclusivamente as pessoas especializadas de ir ali dentro, só aquelas enfermeiras, nem outras enfermeiras não podem entrar. Meu cunhado esteve vinte e cinco dias no hospital. Eu estive vinte e cinco dias com ele lá dentro do hospital. Só com meus documentos da Cruz Vermelha. Eu cheguei no hospital, apresentei meus documentos lá, que eu fui enfermeira da Cruz Vermelha, ele não queria ficar sozinho, ele estava muito mal, eu não queria deixá-lo sozinho porque ele não queria ficar, estava muito mal, eles me deram permissão de ficar com ele direto. Fiquei com ele até morrer. Você vê que todos me respeitavam muito, né. E todo lugar, todo hospital que eu chegava, todo hospital que eu chegava eles me respeitavam, eu falava: “Sou enfermeira da Cruz Vermelha.” Eu tenho, tinha o distintivo, que eu tenho o distintivo em casa, tenho minha carteira também que eu não me separo dela um instante eu não separo, essa eu carrego comigo, né. Tenho honra de dizer que sou enfermeira.

A.: E com relação à escola, a outra escola de enfermagem, a Carlos Chagas, a senhora ouvia falar nela?

B.: Ouvia falar que era muito boa. As enfermeiras que saíam dela eram ótimas enfermeiras, eram as enfermeiras preferidas em todos os hospitais. Eram poucas enfermeiras, às vezes, nunca tinha que chegasse. Mas era... a Carlos Chagas foi a melhor escola de enfermagem que eu já ouvi falar, era ... falava que era de Carlos Chagas, chegava para quase Brasil todo, né, respeitar e honrar, né. A Carlos Chagas foi muito boa! Carlos chagas. Nunca ouvi ninguém falar nada, contra a Carlos Chagas.

Muito idônea as, as enfer... geralmente eles falavam muito de enfermeira, né, “Mas aquelas são muito idôneas.” Você só ouvia falar: “Da, é, do Carlos Chagas são idôneas.”

Erivaldo: E a senhora na época não quis entrar para a Escola Carlos Chagas, para aprimorar mais, para ver o curso que ela oferecia integralmente?

B.: Não, não estou te contando, porque eu estava na, na idéia de seguir para a guerra, né...quando, quando terminou a guerra papai estava doente, eu já tive que abandonar até, né, sair, como que fala é... fugitiva de lá, né, porque eu abandonei vim embora. Não tive permissão de sair. Eu vim embora, por causa de papai. Desde que papai ficou doente, eu comecei depois, enquanto papai estava vivo, estava junto com ele, então eu comecei com cristal. Nessa minha tiração de cristal com essa turma grande em cima da Serra do Cabral eu conheci esse rapaz mais novo do que eu dezoito anos, dezoito anos mais novo do que eu.

A.: Então o objetivo da senhora em fazer enfermagem foi porque? Foi em ir para guerra.

B.: Ir para guerra, foi só para ir para guerra.

G.: Mais alguma coisa nessa experiência que a senhora adquiriu com esse curso, nessa vida tão rica que a senhora colocou em minúcias para gente, a senhora tem alguma coisa que senhora gostaria que a gente registrasse nessa nossa pesquisa em relação à enfermagem?

B.: Só gostaria de agradecer vocês de terem vindo aqui, né, me entrevistar. Fiquei muito feliz de conhecê-los, muito feliz mesmo e quero que vocês consigam uma pesquisa muito boa se eu souber mais de alguma coisa, se vocês acham que servem para vocês os meus diploma, eu mando para vocês, eu registro para Edith aqui ela entrega para vocês.

G.: Nós é que agradecemos.

[FINAL DA ENTREVISTA]

[LADO B PARCIALMENTE GRAVADA]

Ficha Técnica

Data da entrevista: 14 de novembro de 1995

Local: Residência de Edith Silva (Bairro Horto - Belo Horizonte/MG)

Número de Fitas: 01

Duração da Entrevista: 60 minutos

Entrevistadores: Geralda Fortina dos Santos

Ana Valesca Gilson Silva

Erivaldo Rodrigues Soares

Conferência de Fidelidade: Valda da Penha Caldeira

Traços Biográficos e Sumário: Geralda Fortina dos Santos

OBS.: Entrevista avulsa. A entrevistada ficou sabendo da pesquisa, por uma bolsista, do NUPEQS e teve interesse em dar seu depoimento, pois fez um curso de socorrista na EECC.